



Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca 5.412

Livro n.º 1341 Cota n.º 450

Memórias do Natal

Vários

Assunto: Natal

Diário de Notícias 18.12.1995

Regiões

SEGUNDA-FEIRA, 18 DEZEMBRO 1995

Memórias

do

Natal

algarvio

Em Paderne era a altura de comer galo e em Alcoutim o «sovão» alegrava os estômagos. No Rogil, o bailarico substituiu a missa e em Castro Marim o Natal perdia com o Entrudo.

Os presépios eram irresistíveis em Faro e em Estômbar «brilhava» D. Bárbara.

A barriga «tirava-se de misérias» no Barão de S. João, em Alte entrava-se na igreja «de rametão» e em Monchique os «joldreiros» eram espertos por necessidade. A «loucura» do litão em Olhão e da «barriga cheia» no Alvor resumia-se à couve com couve em Silves. As duas «missas do galo» de Tavira e a festança a dobrar em Sagres, quando em Vila Real de Santo António se lambiam papas de milho.

2 REGIÕES

A tradição do baile em Aljezur

JOSÉ MANUEL OLIVEIRA

A freguesia do Rogil, no concelho de Aljezur, mantém ainda a tradição do baile da véspera de Natal e de uma *matinée* no dia seguinte, que servem para juntar famílias e amigos, muitos dos quais vindos das redondezas e de outras localidades como Odemira, Lagos e Portimão. Isso sucede, também, na opinião de muita gente, por a Missa do Galo, celebrada em Aljezur, a cerca de dez quilómetros, apenas ser acessível a quem tem viatura própria ou recorre a transporte camarário cedido para o efeito.

O bailarico de Natal em Aljezur, começa após a consoada e prolonga-se até de manhã

O bailarico de Natal, ao som da música de um pequeno órgão e de um acordeão, começa após a consoada e a

troca de presentes em casa de cada um, prolongando-se até de manhã, lembra Maria Helena Pires, que há muitos anos participa nessa diversão. Este ano, o Grupo Recreativo e Folclórico Amador do Rogil organiza o baile, enquanto o Clube Instrução e Recreio Rogilense decidiu antecipar o convívio por uma semana.

No dia de Natal à tarde, após o lanche composto de fritos, filhoses e pastéis de batata-doce, é de novo altura para momentos de descontração. Uma *matinée*, que chega a durar até à meia-noite, funciona como ponto de encontro para rever amigos e criar novas amizades.

Os bailes na véspera e no dia de Natal, a par das cantigas de janeiras e dos reis, constituíam



DIN Sandra Santos

► O BOLO-REI é o maior orgulho de Matilde Vieira, que vende doces para todo o País

também uma das grandes tradições de Aljezur e Odeceixe. Agora, é sobretudo na passagem de ano que se juntam mais famílias e amigos, no pavilhão do quartel da Associação dos Bombeiros Voluntários. «Antigamente, antes da Missa do Galo, muita gente ia ao baile até à meia-noite, por vezes para se reconquistarem amores perdidos...», recorda Valentim Cardeira.

Com 82 anos, ainda mantém na memória as noites em que cantava as janeiras integrado num grupo de oito ou dez amigos, em Aljezur e nas redondezas, subindo até aos montes mais distantes. De porta em porta, dedicavam às famílias versos

alusivos à quadra natalícia e muitas vezes até se apressavam para permitir a outros grupos entrarem em acção. Do conjunto faziam parte geralmente um apontador, que cantava o verso, repetido em seguida pelos outros elementos, dois dos quais tocavam trompetes e igual número clarinetes. Valentim Cardeira tocou muitos anos num clarinete, que guarda cuidadosamente numa caixa.

Pão, chouriço, filhoses serviam para retribuir a actuação dos grupos. Nalgumas casas, «abriam-se os cordões à bolsa», aumentando o valor da «esmolada», que era distribuída pelos elementos do grupo. Uma semana depois, chegava a maratona

em honra dos Reis Magos. Mas, por vezes, encontravam um pau à porta, sinal de que o dono da casa não queria barulho.

«Há cerca de 40 anos, muitos cantavam as janeiras e os reis, sobretudo por necessidade. A comida e algum dinheiro que recebiam já lhes davam para não passar fome durante alguns dias. Hoje, canta-se por prazer e alegria», conta Valentim Cardeira, explicando que o dinheiro angariado pelo grupo, de que continua a fazer parte, serve para uma jantarada e aquisição de instrumentos para a banda filarmónica.

O mês de Dezembro, dedicado às matanças de porco, permitia a muita gente comer boa car-

ne pelo Natal, proveniente de animais criados sobretudo à base de milho e da famosa batata-doce de Aljezur. Algumas casas conservam os fumeiros onde permaneciam por tempo determinado o chouriço e toucinho.

Muitas tradições já não são o que eram e alguns presépios começam a dar sinais dessa mudança. O casal Ernesto Silva e Isabel Moita, que se dedica ao artesanato em cerâmica artística, são disso exemplo, tendo até obtido vários prémios em concursos pelo País, graças à sua imaginação e criatividade. Quem se lembraria de colocar o Menino Jesus num baloicho ou transportado no bico de uma cegonha?

Doces de Matilde Vieira não chegam para as encomendas

O segredo de um bolo-rei

Vários doces consumidos em todo o País, na época natalícia e noutras festas, são fabricados em Aljezur por Matilde Vieira, cujos dotes culinários já são conhecidos a nível internacional.

Desde os tradicionais fritos e filhoses até aos pastéis de batata-doce, ao bolo-rei e biscoitos, tudo exige determinados condimentos e uma arte própria, que remonta ao tempo dos seus avós.

Matilde Vieira não tem mãos a medir. O seu maior orgulho parece ser o bolo-rei. Aqui desvenda o segredo do sucesso:

«É tudo ao natural e a diferença está nas frutas cristalizadas, nos ovos caseiros; o bolo não pode levar corantes. É cozinhado em forno de lenha, leva farinha de trigo, manteiga, nozes, amêndoas e carne da melhor e em boa conta, sendo ornamentado com frutas e passas.»

É de comer e chorar por mais!

J.M.O.

O «sovão» era hábito em Alcoutim

PAULA MARTINHEIRA

Em Alcoutim, acender um cepo de azinho na lareira era um excelente sinal para os mais novos. O acto significava a inauguração da época festiva, que durava 13 dias.

No Nordeste, a quadra natalícia era, nos meados deste século, vivida intensamente

Nesta zona, a quadra natalícia era, nos meados deste século, vivida intensamente. De véspera, as famílias juntavam-se à noite ao redor das lareiras. Sem grandes comezainas, porém, porque o dia fora igual aos outros e a jornada seguia-

te antevia-se árdua e trabalhosa. As crianças acendiam uma candea para «alumiá» o Menino na sua descida pela chaminé.

Aproveitando a reunião familiar, os alcoutinejos escolhiam o dia de Natal para a «matação» do porquinho de criação, a que chamavam «sovão», do qual casa que se prezasse não podia prescindir. O dia começava cedo, com a morte do animal, a cargo do «matador», que para

enfrentar o esforço «enfardava» antes, juntamente com os ajudantes, um bom prato de figos, bolotas, bolos de banha ou massa do pão, a bexiga do bicho do ano anterior, café e aguardente.

Enquanto os homens chamuscavam e lavavam o suíno, o «mulherio» cozia o sangue, que era depois comido. Não passava, porém, de um «aperitivo» para retemperar as forças para o amanho do porco. Outros petiscos se preparavam, entretanto, nomeadamente as fritadas e uma reconfortante moleja (sangue) servida em sopas de pão. E para desmoer, nada melhor do que um bailarico ao som de acordeões e flautas. As danças realizavam-se nas sedes de freguesia. Umas para os ricos, outras para os pobres, em locais distintos. Era também a oportunidade ideal para as moças estrear uma peça de roupa, seguindo o ditado popular local de que «quem pelo Natal não estria, todo o ano pia»... «Não havia o hábito de dar prendas, que a vida era difícil», contou-nos Rosária Batista, 43 anos. «Quem queria bonecas, fazia-as com pernas de loendro, corpo de trapo cheio de lã de ovelha ou farelos e cabelo de lã de ovelha preta» – as famosas «matrofonas» de Alcoutim.

A passagem do ano não tinha

significado, excepto a tradição de não se vestir uma calça ou saia branca, porque «calça branca em Janeiro, sinal de pouco dinheiro. Mas no período até ao Dia de Reis, cantavam-se as Janeiras, com ar solene – «A Oração das Almas» e os «Três Cavaleiros» (quem são os três cavaleiros/que sombra fazem no mar/são reis do Oriente/que Jesus vem consagrar/não procuram por pousada/nem onde irão noitar/procuram por Deus Menino/onde o irmão encontrar/forma-no encontrar em Roma/revestido no altar/missa nova quer dizer/missa nova quer contar) ou em tom de brincadeira.

Neste caso, os jovens, que andavam de porta em porta, de alforjes às costas e de lampião na mão, perguntavam ao bater da porta se «quer que cante ou reze», dependendo da casa estar enlutada ou não. Se a casa estivesse «alegre», o grupo começava por se identificar, saudando depois os donos: «Lá vai uma, lá vão duas/para cima do seu telhado/que Deus lhe dê muita sorte-/com o que tem semeado». Ou em chacota: «Um raminho, dois raminhos/enleados no fogareiro/viva a sra. Belmira mais o sr. Guerreiro».

«Ai isso é que nós nos ríamos!», lembra Adelaide Guer-



► PRESÉPIO tradicional feito em Alcoutim

DN-Sandra Santos

reiro, 56 anos, contando que a «moçanhada» conseguia encher os alforjes de chouriças, ovos, amêndoas ou figos, destinados à «pangalhada» – uma festança até o sol raiar. E depois eram os bailes, que obrigavam os moços a ficarem de «guarida» em casa das raparigas. Uma promiscuidadezinha, bem aceite pelos pais, vigilantes e atentos.

A época natalícia acabava no Dia de Reis. Comiam-se romãs para haver dinheiro durante o resto do ano. Os mais «jogadores» tiravam nove bagos, enrolavam-nos numa prata e juntavam ao dinheiro que estava escondido debaixo do colchão. Sem grande êxito, já que o porquinho continuava a ser o mealheiro dos pobres...

Os contrastes de Lagos

Na noite de Natal, alguns lavradores ofereciam o almoço às famílias mais pobres

Na aldeia rural de Barão de S. João, a casa de José Alexandre Marques, hoje com 78 anos, era «visitada» pelo Natal por «um pedaço de carne de borrego ou porco». Fez a 4.ª classe e aos 16 anos começou a guardar porcos e ovelhas, apanhar lenha, ceifar e cavar, «enganando o estômago» com meia dúzia de figos. Ganhava dois escudos por dia.

Na noite de Natal, alguns lavradores ofereciam o almoço às famílias mais pobres. Um prato com grão e arroz constituía mais um «reforço» para a consolda e o dia de Natal, quebrando a monotonia das papas de milho e caldo «fingido». Quanto a filhós, «nem o

cheiro» e José Marques ainda se lembra de só ter visto as primeiras quando tinha 20 anos. «Andávamos com fome, mas éramos pessoas de coragem. Não faltávamos a um baile, aquilo era uma consolação». Apesar de gostar de uma «noite diferente», num ambiente repleto de moços e moças, José Marques não dei-

xava de assistir à missa da meia-noite e ao beijar do Menino e recorda que muita gente oferecia dez tostões para o presépio.

No dia 25 sempre se bebiam um copos de aguardente ou vinho na «venda», onde se passava a tarde a jogar às cartas ou à malha. Em casa, as mulheres faziam renda ou cosiam meias.

Para Francisca Margarida, 80 anos, o Natal «era como outro dia qualquer, sempre triste». Depois da missa do Galo, «comiam-se qualquer coisa, quando havia». Lembra-se dos «cavalinhos de massa com fitas para ornamentar» que algumas crianças recebiam e de como se contentava com bonecas de trapo feitas pela mãe.

Aos 12 anos passou a trabalhar como costureira por conta própria, fez «economias e muitos sacrifícios» durante três anos para pagar uma máquina de costura que custou 1 320\$. O trabalho «apertava» mais pelo Natal. Francisca Margarida cobrava seis escudos por um par de calças e dez por um vestido. «Passava noites a trabalhar e descansava muitas vezes um pouco a cabeça sobre a máquina», recorda.

Manuel Guerreiro, 81 anos, dançava descalço nos bailes da véspera de Natal, em Bensafim, pois sapatos foi coisa que só



► OS ROSTOS da lembrança: Glória Rosado e Manuel Guerreiro

DN-Sandra Santos

conheceu quando já era rapazote. «Nunca tive brinquedos», confessa, lembrando ter recebido aos 13 anos umas calças «com 58 remedos», que duraram «uma vida inteira».

Alguns lavradores ofereciam uma galinha aos mais pobres, que a «faziam durar para uma semana». Anos depois, a ementa melhorou e Manuel Guerreiro, adolescente, levantava-se à meia-noite para comer a «assadura de carne de porco» que a sua madrinha preparava.

Foi diferente o caso de Glória Rosado. A família juntava-se em redor da lareira e não faltava carne de porco frita até de madrugada. No Dia de Natal, depois do havia *matinée*, ocasião para estrear um vestido, meias e sapatos.

Em Lagos, ao contrário, «não havia quem não estresse um fato ou vestido» no Dia de Natal, conta Joaquim Cruz, antigo comerciante nesta cidade. Havia o «baile de gala» no Clube Artístico Lacobrigense, ocasião para juntar a «fina flor» de Lagos, trajada a rigor, com as autoridades administrativas a abrir a sessão com a «dança da quadrilha», em que os homens iam ao encontro das senhoras.

J.M.O.

Quadra esquecida em Castro Marim

«Ai, menina, o que nós ansiávamos pelo Zé da Felicidade! Era Felicidade de nome e dos sentimentos que nos provocava!» A Ti Carminda, 75 anos fisicamente rijos e ainda melhor conservados em lucidez, recorda com saudade esses tempos de bailação. «A gente queria lá saber do Natal! O que interessava era o Entrudo e os bailaricos com o acordeão do Zé da Felicidade!»

Era o «Zé da Felicidade» que, em Almada de Ouro, fazia esquecer as privações do Natal

A Ti Carminda é natural de Almada de Ouro, uma aldeola do concelho de Castro Marim situada à beira do rio Guadiana, num local que dentro de poucos anos será transformado num dos maiores empreendimentos turísticos do Algarve e onde, há cinco ou seis décadas, a quadra natalícia era vivida com desinteresse e sem a paixão própria de outros concelhos algarvios.

«A miséria era tão grande que o Natal passava despercebido. Não ligávamos a essas coisas do presépio, do pinheiro ou do sa-

patinho, que se tivesse meia dúzia de rebuçados já era muito», conta.

O «herói» lá do sítio, mais que o próprio Deus Menino, fazia a sua aparição no Domingo Gordo. Ia de Moncarapacho para Vila Real de Santo António na «camioneta da carreira», seguindo depois de barco à vela pelo rio. Era uma verdadeira romaria, já que a embarcação, habilmente conduzida pelo velho capitão Ti Esperança, ia apinhada de família que ia à vila fronteira fazer compras.

«Aquilo era uma festa! O baile começava logo ali, no barco. O Zé ia tocando o caminho todo», recorda a Ti Carminha, a mais famosa das caiadeiras e rendadeiras de bilros da freguesia do Azinhal. Nessa altura «havia 22 raparigas em Almada de Ouro que aproveitavam o Entrudo para arranjar namoro».

O tocador ficava hospedado em casa de uma qualquer família, que o recebia e tratava como «se um príncipe fosse». A actuação do Zé da Felicidade começava no Domingo Gordo e só acabava no Domingo da Pinhata. O cachet era a hospedagem e os repastos que todos faziam questão de lhe proporcionar.

De todas as festas, religiosas ou pagãs, o Entrudo era a mais



DN-Sandra Santos

► UM CASAL que recorda com saudade os tempos de bailação

desejada e vivida. No pobre concelho de Castro Marim, as tradições natalícias nunca foram dignas de registo. Talvez devido aos fracos recursos das gentes locais, quem sabe se pela ausência de pároco e, consequentemente, das manifestações litúrgicas, de que a Missa do Galo é o expoente máximo. A meia-noite era, assim, passada sem «grandes alaridos», como conta a Ti Carminha.

No dia seguinte, os festejos também não eram famosos, a começar pela gastronomia, que

se cingia a um «borregueto assado, carne de porco frita com conquilhas ou amêijoas de Monte Gordo e um arroz-doce». Após o almoço, a família ficava pela aldeia. Na sede da freguesia, o Azinhal, o cenário não apresentava grandes diferenças, à excepção das comezainas, que ali eram mais ricas. Filhoses, livros, empanadilhas de grão e batata-doce, bulonhóis e arroz-doce eram iguarias imprescindíveis. Os mais ricos, «só uma minoria», matavam gado, recorda Palmira Vaz, 82 anos vi-

çosos.

Na vizinha Odeleite, os doces não podiam também faltar. Casa que se prezasse tinha de ter um prato de filhoses e bulonhóis para oferecer a quem aparecesse. Quando havia Missa do Galo, as gentes dos montes e povoados desciam à aldeia, à noite, iluminando-se com grandes tochas. «Andavam bons quilómetros e no dia seguinte voltavam a fazer o mesmo caminho, para os bailaricos», lembra António Branco, na casa dos 60. Havia três bailes na aldeia, fora os que se realizavam pelos montes. «Era preciso muito fôlego para tanta reinação», observa o sr. Branco, ar brincalhão, em contraste com o semblante triste e nostálgico de dona Henriqueta, sua mulher.

Dos tempos em que, na noite de Natal, as famílias se sentavam ao redor da lareira, conversando, brincando e petiscando à «fixação na televisão» que caracteriza os dias de hoje vai um grande passo. Abismais são também as prendas de ontem e de hoje. «Antigamente, quem estreava um vestido ou um par de sapatos era um felizardo. Hoje, as prendas são tantas que os moços já nem lhes ligam», lamenta dona Henriqueta.

P.M.

A esperteza dos «joldreiros»

CARLOS GUERREIRO

Em Monchique, comia-se galinha uma vez por ano e era no Natal, lembra António Silva Carriço, 65 anos, encarregado da biblioteca. Nascido e criado em Monchique, pertencia a uma família que se permitia alguns «luxos».

Os pratos natalícios eram uma galinha que dava para uma «canjinha e uma cabidela de batatas» e, no dia 25, havia «galinha cerejada, frita em banha». Para as crianças, o petisco mais esperado eram as fatias douradas.

A igreja, onde sempre se montava um enorme presépio, enchia-se para a Missa do Galo.

Era raro as crianças receberem brinquedos. O mês para esse tipo de ofertas era Outubro, altura da feira de Monchique. «Eu tinha, normalmente, um embrulhinho com uma camisola interior e umas peúgas e, no fundo do sapato, umas moedinhas», recorda António Carriço.

Menos felizes foram os natais dos sapateiros Joaquim Rita e José dos Reis Rufino, com 62 e 55 anos respectivamente. «Punhamos o sapatinho ou à falta dele, a bota do pai e, no dia seguinte, lá estavam uns re-

buçadinhos para adoçar a boca», lembram.

Uma galinha assada entrava às vezes na ementa. «As noites de Natal eram coisas tristes. Lá tínhamos umas filhós e pouco mais». Sempre era uma refeição diferente, já que o resto do ano eram as papas a enganar a fome.

Na passagem de ano e na Noite de Reis, as ruas enchiam-se de grupos, conhecidos por «joldras» que cantavam às portas. Dos participantes, o que tinha melhor

voz servia de «ponto», entoando quadras que os outros repetiam, acompanhados por acordeão e ferrinhos. Conforme a riqueza das casas, assim se recebiam uns figos, uma chouriça, pão, fruta e mesmo dinheiro, sendo tudo recolhido num alforge. José Rufino recorda que era muito procurada a casa da família Santiago, gente de posses que morava em Lisboa mas aparecia sempre e que dava dinheiro aos participantes nas joldras.

«Para as casas que davam, dividíamos o grupo em dois ou três. Iam uns e depois os outros e pelo meio ainda havia gente do primeiro grupo que virava os blusões e as capas alentejanas para não serem reconhecidos». Como o resultado final era dividido por todos, qualquer estratégia era bem vindo.

Mas nem sempre os «joldreiros» tinham sorte. António Batalim, de 75 anos, foi «ponto» em joldras monchiquenses e lembra «as chouriças feitas com serradura e pimentos preparadas de propósito para a ocasião». A «vingança» não tardava. «Certa vez, recebemos uma morcela de serradura, voltámos lá e o homem apareceu à porta atirámos-lhe a chouriça à cara e fugimos».



DN-Sandra Santos

▶ **JOAQUIM RITA não tem grandes recordações**

Memórias da realidade fareNSE

João Leal

Em Faro, anos sessenta, pela Senhora da Conceição, a 8 de Dezembro, ia-se à moagem, paredes meias com a estação do caminho de ferro onde os vagões entregavam o trigo vindo do Alentejo, buscar o cereal para as searas.

Na «loja do senhor Patrocínio», na hoje Rua Conselheiro Bivar, que sempre se chamou do Chiado pelos armazéns que durante décadas marcaram presença, compravam-se as «ervelhas», que dariam resplandentes «cabeleiras».

E estes dois vegetais – os vasos das cabeleiras, colocados debaixo da cama, em quarto escuro, para lhe conferir o branco e os pratos da seara, expostos ao Sol de Dezembro – no seu crescimento marcavam o ritmo do

Natal. Eram ornamentos, como que ex-líbris no armar do «Menino em trono» erguido com caixas, gavetas e caixotes, que alvo lençol de linho ou cambraia transformava em alvo escadório.

Ao redor, na «casa de fora», divisão logo à entrada da habitação, recebiam-se os amigos e familiares, que vi-

A gaiatagem não esquecia o «sapatinho à chaminé» na manhã de 25

nham dar as boas-festas, ver o Menino e comer as empadinhas com recheio de batata-doce, gila ou amêndoa, os «bronhoís» e as filhoses.

O vinho abafado, que se ia comprar para as bandas da Atalaia, no José Maria da Fonseca ou, quase no Montinho, à do João Pires e também a «aguardente anisada», que vinha de Évora, eram o complemento indispensável.

Na noite da consoada, as famílias juntavam-se na casa de um dos seus elementos, não raro aquele que se alcandorava a uma melhor situação económica. A refeição compunha-se de galo de cabidela, bacalhau cozido, canja com o «raminho de hortelã», amêijoas, enquanto se ouviam histórias e alguma garganta mais afinada era requerida para cantar uns «fadinhos».

Não havia ainda a efusiva e inflacionada troca de lembranças, mas a gaiatagem não esquecia o «sapatinho à chaminé», para onde corria apressada na manhã de 25. Não raro, deparava-se-lhe como lembrança do Menino Jesus ou do Pai Natal pequenas tabletes de chocolate com bonecos de surpresa, que se compravam nas mercearias do senhor Guerreiro, do Careca, do Zé da Avó ou da senhora Ermelinda. Uma peça de roupa ou uns sapatos eram olhados com êxtase.

Ao «campo», como se designava toda a zona fora da cidade e em que se incluíam desde os sítios de Mar e Guerra, Pontes, Monte Negro, Campinas e Patacão, até Estoi, Bordeira, «Santa Barba» (como se dizia Santa Bárbara de Nexe) e Coiro da Burra, ia-se levar «as festas» com os produtos que o mar dava e em retribuição traziam-se figos, amêndoas, e milho para o xaréu.

Mas acto havia que era um «cumprimento» das gentes da Ribeira FareNSE, à beira-ria. Eram as «charolas», que nos primeiros dias de Dezembro se começavam a ensaiar, quando a invernia ou a maré não permitiam ir «amariscar» ou lançar o «tapa-esteiros» ou a «redinha».

Nos bairros periféricos (o centro citadino era então, como hoje, a Rua de Santo António), a «maltinha», catraiada, qual «bando de pardais à solta» juntava-se para ir cantar de porta em porta, com o fito no amearhar de alguns cobres. «Vizinha, quer que cante?» E se a resposta tardava, lá vinha o aviso: «Senhora que está lá dentro/Enrolada no capacho/Venha dar alguma coisinha/Senão vai a porta abaixo.»

■ A prodigiosa imaginação de Bárbara Rodrigues foi ditando tantas personagens e quadros que os seus presépios de mil e uma figuras com todos os pormenores, roupagens e expressões acabaram por transformar-se numa espécie de história completa dos primeiros meses de vida do Menino



Os presépios de Estômbar

ELISABETE RODRIGUES

Armar o presépio é uma das mais arreigadas tradições natalícias algarvias. No concelho de Lagoa, cada povoação tinha meia dúzia de grandes presépios. Um dos mais famosos era o de Bárbara Rodrigues, em Estômbar.

Os presépios de dona Bárbara Rodrigues são famosos no concelho de Lagoa. Hoje, aos 79 anos, confessa que já não tem forças para armar os grandes presépios que atraíam à sua casa, em Estômbar, visitantes das redondezas.

«Eu costumava armar o presépio na minha garagem, no rés-

gemo, no terço do chão desta casa onde moro, mas agora já me custa andar escada acima, escada abaixo», disse-nos Bárbara Rodrigues. Por isso, agora só faz «um presépio pequen-

no, aqui na sala, só para a família».

Quem fica a perder são as pessoas que todos os anos, desde que Bárbara Rodrigues era «moça nova», iam à sua casa apreciar os presépios. «Desde o Natal, passando pelo Ano Novo e até aos Reis, durante a tarde e a noite tinha que ter a garagem aberta, porque havia sempre grupos de pessoas a entrar e a sair», recorda.

«Eu e as minhas irmãs começámos por fazer como era tradição na zona, só um Menino Jesus num trono, decorado com rendas e searinhas. Depois fizemos bonecos em pano, com cabeça de grão-de-bico. Quando me casei, passei a armar o presépio para os meus filhos. E foi então que comecei a lembrar-me de coisas diferentes.»

No primeiro ano, recordou, fez um castelo e casinhas com cascas de ovos. Depois construiu uma gruta com pedras e usou bonecos de compra. De ano para ano foi aumentando, até que se aventurou a fazer as figurinhas para o presépio. «Lembro-me que a ideia me surgiu quando vi que não tinha um anjo para anunciar aos pastores a chegada do Deus Menino.»

E das suas mãos hábeis e talentosas começaram a sair figuras maravilhosas, com todos os



DIN-Sandra Santos

▶ A PERFEIÇÃO DAS FIGURAS dos presépios de Bárbara Rodrigues já lhe valeu vários prémios

pormenores de roupagens e expressões, desde as personagens bíblicas, aos animais e a mil e uma figuras de um quotidiano que Bárbara Rodrigues imaginava ser aquele que se viveria há quase dois mil anos.

Novas personagens e quadros

De ano para ano, a sua prodigiosa imaginação foi ditando novas personagens e quadros. Até que os seus presépios acabaram por transformar-se numa espécie de história completa dos primeiros meses de vida do Menino. Num ano fez a aldeia de Belém, com casinhas brancas coroadas pelas cúpulas que Bárbara Rodrigues tinha visto em desenhos. Em 1986, com cartolina grossa, copinhos plásticos de gelado e peças de madeira, tudo muito bem pintado, construiu o castelo de Herodes.

Noutra altura, fez o deserto atravessado pelos Reis Magos, com ruínas de um *kashbah* e oásis cheios de palmeiras. «Isso fiz eu a partir de uma fotografia que uma senhora me deu.» Em

1987, recriou a estalagem onde Nossa Senhora e São José se tentaram alojar.

Pelo meio de tudo isto, grutas onde a água escorria continuamente, rios «verdadeiros», árvores em miniatura, caminhos e



DIN-Sandra Santos

▶ FOI EM 1994 que Bárbara Rodrigues fez o último presépio

pontes, castelos e casas. Bárbara Rodrigues reproduzia ainda cenas da vida rural — uma mulher a cozer pão no forno de lenha, um homem a tirar água do poço, outro a lavar a terra com um arado puxado por mulas. Um mundo de cenas inspiradas na realidade algarvia, mas, com uma sublinha a idosa senhora, «muito ligados à vida nos tempos de Jesus».

Meses de trabalho

Com estes presépios, Bárbara Rodrigues chegava a ocupar os 20 metros quadrados da garagem. Eram meses de trabalho a arranjar pedras para fazer a gruta e as montanhas, a procurar cortiças e plantas, a fazer bonecos. O trabalho final, de montagem do presépio, começava umas três semanas antes do Natal.

Foi assim que a idosa senhora ganhou várias vezes o primeiro prémio do concurso promovido pela Associação Cultural e Desportiva de Lagoa.

Mas um ano, confessa com alguma mágoa, resolveram atri-

buir o prémio ao presépio «moderno» de um jovem. «Acharam que os meus presépios já não tinham nada de novo, que eram muito vistos...»

Enchendo-se de brios, no Natal seguinte resolveu fazer diferente. E engendrou uma miniatura da sua rua, com a aldeia de Estômbar e a igreja, em fundo. Dentro da garagem lá estava o presépio. Tudo fora reproduzido ao pormenor e à escala, incluindo os candeeiros públicos e a motorizada do vizinho. Na varanda representou-se a si própria, a costurar, enquanto no terraço da casa do lado havia uma esteira, com miolo de amêndoa a secar ao sol. «Foi um sucesso», exclamou. De tal maneira que, mais uma vez, ganhou o primeiro prémio.

A última vez que fez um destes presépios foi em 1994. «Tenho pena, mas o meu coração já está muito cansado para estas andanças.» E, agora, quem vai continuar a sua tradição? «As minhas filhas têm muito jeito. Mas se calhar não têm é paciência...»

Amêijoas e cantares em Lagoa

«Uma vez, por esta altura do Natal, era ainda manhãzinha cedo. Eu já estava atrasado para ir apanhar o comboio para Lagos, por isso pedi uma bicicleta a pedal emprestada e lá fui a toda a força. Ali na ladeira de Estômbar estava um nevoeiro cerrado, choquei contra o Manel d'Alvor, um homenzito que vinha aí a Lagoa vender amêijoas. Era eu para um lado, as amêijoas para outro, a bicicleta estatelada e o Manel a gritar-me pragas. Mas era tão tarde que nem tive tempo para o ajudar a apanhar tudo e lá abalei», recorda, com uma gargalhada, Fernando dos Santos, de 62 anos.

Apenas um episódio entre muitos para lembrar que as amêijoas eram, de facto, um dos ingredientes fundamentais da ementa de Natal nas zonas rurais do concelho de Lagoa. As amêijoas eram transportadas em carrinhos de mão ou à cabeça por homens de Alvor, que calcorreavam a pé, descalços, dezenas de quilómetros de caminhos gelados. O seu pregão,

«oh 'mêjoa! oh 'bigão», era ouvido à distância, juntamente com o ranger das rodas do carrinho, em madeira.

Havia também quem comesse um cozido de couve lombarda e carne de porco,

*Os cantares
tradicionais ainda*

*são uma tradição
bem viva no
concelho de Lagoa*

ou ainda galinha cerejada, uma gorda galinha de campo corada no forno de lenha. Como doces, havia sempre pão-de-ló, filhós, pastéis de batata-doce e amêndoa. «Quando era pequena, não havia o costume de comer bacalhau ou peru na consoada», lembra Maria Isabel, de

60 anos. «Isso veio depois, um hábito aprendido com gente de fora ou pelos algarvios que foram ganhar a vida para outras paragens.»

Maria Isabel, uma cozinheira de mão cheia, depois de anos vergada aos estrangeirados bacalhau e peru, resolveu há anos voltar às origens. E este Natal já avisou os filhos e os netos que a consoada vai ser «à moda antiga», carne de porco com amêijoas, galinha cerejada, fatias douradas e pastéis de batata-doce.

A sua vizinha, Antónia Reis, de 65 anos, tem andado atarefada na compra das prendas. «Quando era moça, não havia cá prendas no sapatinho. Era uma sorte quando tínhamos uns rebuçadinhos... Brinquedos ganhávamos por altura das feiras, nos Santos ou no Outono. Do que eu gostava mais era dos tachinhos em barro.» Hoje, lastima, os brinquedos que compra para os netos são todos em plástico.

O marido de D. Antónia ainda gosta de cantar as boas-festas e as janeiras. Já não sai em grupo, como antigamente, mas nem por isso esqueceu as letras e a alegria dos tempos passados. «Íamos em grandes ranchos de moços a cantar pelos campos. Havia sempre uns que tocavam bandolim, viola ou acordeão. Eram os que faziam mais sucesso com as raparigas. Muitas vezes chegávamos a casa de alguém, mandavam-nos entrar, e fazíamos um baile até de manhã, temperado com uns chouriços assados e um vinhito.»

Os cantares tradicionais de Natal, janeiras e de reis ainda hoje são uma tradição bem viva no concelho de Lagoa, em especial na localidade da Mexilhoeira da Carregação, onde existem grupos organizados. Só que agora, em vez de andarem de porta em porta, no frio da noite de Natal, os cantadores reúnem-se debaixo de telha. «É bonito, mas não tem já aquela vivacidade de antes», diz Fernando dos Santos.

E.R.

De «rametão» na igreja de Alte

Entrava-se «de rametão» para a Missa do Galo, porque as portas da igreja, contra as quais se comprimia a multidão, só abriam mesmo ao soar das badaladas da meia-noite, lembram as pessoas mais velhas da aldeia de Alte, concelho de Loulé.

Todos queriam tomar os melhores lugares, em especial os mais jovens, para quem a celebração representava uma oportunidade de ficar mais perto das namoradas. Vinha gente de todos os sítios da freguesia, qualquer que fosse o estado do tempo. Dentro do templo, a excitação dos encontros há muito ansiados, das conversas adiadas, fazia com que os diversos passos da celebração se sucedessem num ambiente «sarrabulhento», recorda José Cavaco Vieira, de 92 anos, durante décadas regedor.

Só a cantoria unia as vozes, que entoavam: «Meu Deus Menino/ Meu doce Jesus/ Nosso Redentor/ Salvai-nos Senhor». E também: «No Céu a alegria/

Não pode ser mais/ Nasceu o Deus Menino/ Bendito sejas». No final da missa, chegava o momento mais desejado, quando o pároco a todos dava a beijar a imagem do Menino Jesus.

No adro da igreja de Alte, ardia o «madeiro de Natal», um grande tronco de alfarrobeira ou azinheira que um grupo de homens da aldeia tinha roubado, como era da tradição, numa qualquer fazenda.

Mandava ainda a tradição que na noite de 24 se visitasse os «sete lares», em cada um dos quais ardia um «madeiro de Natal», colocado sobre uma ara de pedra pintada de branco — a «sempre noiva».

Depois da missa, formavam-se pequenas caravanas guiadas por lanternas a petróleo, para levar de volta a casa, a pé, de burro, ou na carroça, os moradores das vizinhanças. Saboreavam-se as filhós, fatias douradas e pastéis de batata doce, acompanhados pelo vinho da Nave de Alte e aguardente de medronho. Lembra-se a senhora Maria da Encarnação que nalgumas casas tudo se resumia a umas «bole-tas» e pãozinho com chouriço ou à carne frita e café.

No dia 25, para a festa da família eram «convidados» os parentes mais próximos já fale-



▶ A FESTA em Alte durava até ao Dia de Reis

cidos, para quem se reservavam lugares na mesa.

Os lavradores matavam o porco uma semana antes e não dispensavam a carne com repolho e o toucinho. Os «milhos», previamente «amaciados» nas cinzas durante dois dias, eram cozinhados com o chouriço e a melhor carne do animal. A sobre-mesa eram servidos doces de amêndoa e nógados. Nas casas

menos abastadas, recorria-se às «sopas de cachola».

O resto da jornada era aproveitado para fazer visitas ao maior número de casas possível, com a justificação de admirar o presépio. A maior parte das ruas da aldeia concorria com um presépio e todos se esforçavam para que nesse ano fosse considerado «o mais bonito». Maria da Encarnação lembra os que o seu

marido fazia e aos quais não faltavam a murta e um lago com peixinhos.

Maria da Encarnação aproveitava para melhorar o orçamento familiar, fazendo especialidades próprias da época, como «dobradinhas», filhós ou pastéis de batata doce para «as senhoras». Passava longas horas depois do jantar «a fazer a massa, a estendê-la e a recortá-la com a cartilha», recorda com saudades.

Pelo Ano Novo e véspera do dia de Reis, cumpria-se a tradição das janeiras.

«Quais são os três cavaleiros/ Que fazem sombra no mar?! São os três reis orientes/ Que Jesus vêm adorar».

Por vezes, a ironia aflorava nos versos, ditos de «chacota», quando a oferta não era generosa:

«Quando eu vinha lá em baixo/ Dei um toque na calçada/ Logo o meu coração disse:/ Aqui mora gente honrada.»

Mas quase sempre o «agradecimento» por pessoas para quem as janeiras representavam um alívio da pobreza, era sincero:

«Obrigado, obrigado, senhor/ Pela esmola que acaba de dar/ Que o seu gesto seja recompensado/ Com paz e alegria para o seu lar».

V.G.

No adro da igreja de Alte, ardia o madeiro roubado, como mandava a tradição

Festa a dobrar em Sagres

A influência da comunidade piscatória e o facto de não haver Missa do Galo marcou sempre a diferença do Natal de Sagres em relação às restantes zonas do concelho de Vila do Bispo.

A missa do Galo celebrava-se em Vila do Bispo e os dez quilómetros que separam esta vila de Sagres obrigavam a deslocações em diligências, privilégio que não estava ao alcance de qualquer um. Por isso, nesta localidade não se vivia a noite da consoada, que era aproveitada para um baile ao som do acordeão, num antigo armazém.

A missa do Galo celebrava-se em Vila do Bispo e chegava-se lá de diligência

«Depois do jantar, o baile era sagrado, uma festa inesquecível», lembra Rogério Assunção, velho marinho.

«Presentes»? Para os mais miúdos pobres, muitas vezes eram apenas laranjas e pequenos chocolates. Outros, recebiam uma boneca de trapo ou um carrinho de lata. Após a missa no Dia de Natal, comia-se moreia frita, bacalhau,

robalo, atum e sardinha, assim como arroz de cabidela de galinha ou carne de porco. Era o tempo das grandes frotas pesqueiras e só numa armação do atum denominada «Os Cajados», fainava uma centena de homens.

Quando era preciso levar banco para a escola

«Quando fui para a escola, em 1927, tive de levar um banco para me sentar; eram mais de cem alunos e uma professora», recorda Rogério Assunção. Já homem, participou em grupos de Janeiras e Reis em que a esmola se distribuía pelos mais pobres.

Com marinheiros, faroleiros, militares e guarda-fiscais provenientes de várias zonas do país, em serviço temporário, Sagres foi considerada, ao longo de décadas, uma «terra diferente, de nómadas». Partiam uns, chegavam outros, com a particularidade de a maioria ali constituir família.

Na Vila do Bispo e Raposeira, mulheres como Rosária Maria, Faustina Freire, Maria Alice Duarte e Maria José, lembram quadras natalícias: «Esta noite é de Janeiras/ É uma noite festejada/ José e sua



▶ AS MULHERES recordam-se ainda das quadras que eram cantadas na época natalícia

esposa/ A Belém pediram pouxada». «Pousada ninguém deu/ Aquela Virgem Imaculada/ Foi nascer em Belém/ Numa pobre alpendurada». «Onde dormia o boi bento/ E a nula malaciosa/ O boi encobria com sua benta armadura/ A mula o destapava com a mão da ferradura». Na noite de Reis, o grupo

lançava o mote: «Dá licença minha gente/ De cantar um pouquinho/ De cantar os Santos Reis/ Em louvor do Deus Menino». «No céu nasceu uma estrela/ Já que na Terra não há quem tenha amor/ Também nasceu Deus Menino/ Em louvor de Deus Senhor». «Treze dias são passados/ Do Deus Me-

nino nascido/ Aos oito foi concidado/ Hoje é rei desconhecido». Memórias de um grupo de amigos do Centro de Dia para Idosos da Raposeira, que recorda os bons velhos tempos enquanto faz renda ou «dá uns pontinhos».

J.M.O.

A festa da «barriga cheia» no Alvor

Em Alvor, junto à ria, os velhos pescadores recordam os tempos em que Natal era sinónimo de barriga cheia, pelo menos uma vez por ano. Mesmo assim, há quem lamente que a mudança dos tempos tenha acabado com o verdadeiro ambiente de festa de outora.

A galinha era o prato forte, mas depois não havia dinheiro para os temperos



OS PESCADORES do Alvor lembram-se de que eram uns privilegiados: tinham o rio para apanhar de comer...

«A melhor festa era a barriguinha cheia», recorda o senhor Manuel, um pescador de Alvor, com 62 anos. Sentado a apanhar sol na antiga lota da vila, junto à ria, desfia as memórias de um tempo em que o Natal era bem diferente de agora. «Quando tinha aí os meus dez anos, no tempo da guerra, passos-se aqui muita fominha, era uma miséria pegada. Por isso, a gente estava sempre à espera que viesse o Natal, para encher a barriga.» Manuel Loló, de 74 anos, antigo sota-patão do salva-vidas de Alvor, ainda se lembra do que então se comia. Durante o ano, «era uma sardinha salgada,

de papas, uma batatinha-doce». Outro pescador que se aproximara afirmou: «E nós éramos uns privilegiados, tínhamos o rio, íamos apanhar berbigões para comer.»

A vida era muito mais difícil, então. «Havia vendavais de meses e os pescadores nem podiam

dos anos 60, não havia motores, os barcos eram todos à vela e, para quem se arriscava a sair barra em dias de temporal, era morte certa. Por isso, enquanto o mar não acalmava, o recurso era ir para a ria, apanhar berbigão.

«Metiamo-nos no rio, às vezes o frio era tanto que até saltava

da Manuel Loló. «Quando chovia, vinha água doce pelas ribeiras, gelada, e nós aí no meio do rio, com a água por aqui (apontando a cintura). Quando vinhamos para terra calamos para o lado, de tão geladinhos. Havia moços que até desmaiavam de frio. Assim, descalços.»

calçados», diz um. «Havia para aqueles que tinham», contrapõe outro. E a conversa lá volta ao Natal. Que prendas tinham no sapatinho? «Sapatinho? Mas se a gente nem sapatos tinha, quanto mais prendas... O que a gente queria era comer alguma coisita melhor.»

Galinha ou talvez nem isso
A galinha era, então, o prato forte da consoada dos filhos de Alvor. «Só pelo Natal é que se comia uma galinha ou alguma carne. Algumas pessoas criavam um frangão para comer pelo Natal, mas depois não tinham dinheiro para os temperos, tinham que vender a galinha e não a chegavam a comer.»

Para esses, a única hipótese era, como lembra o senhor Manuel, «comer um pratinho de grão com massa, às vezes com um bocadito de tocinho. Já era melhor que as papas do dia-a-dia.»

Além de comida misturada, o Natal era tempo de presépios e cantorias. «Havia aí umas cinco ou seis pessoas que armavam o presépio, assim em ponto maior. O pessoal da terra juntava-se em grupos e ia visitar os presépios, para ver qual era o melhor. Para dar uma pequena ajudinha, punham lá um tostão ou dois, que já era uma grande esmola», lembra Manuel Loló.

Cantar, namorar e comer
O Natal era também época de cantorias. Cantavam-se as boas-festas, as janciras e os reis, pouco mais ou menos como no resto do Algarve. Juntavam-se grupos de homens e rapazes, que iam de porta em porta cantando versos em honra dos donos da casa, esperando receber em troca «alguma coisita para ferrar o dente.»

ram há meio século atrás), canta algumas dessas quadras: «Já que Deus me fez tá pobre! Ando esta noite a pedir/da casa de gente pobre/Sem esmola lá hei-d'ir.» Depois: «A senhora q'está lá dentro/Deixe-se 'tar que tá bem-/Mande dar a esmolinha/Por essa rosa qu'á tem.» Manuel Loló confessa que os moços aproveitavam a ocasião para ir «namoriscando.»

Os cantares prolongavam-se até de madrugada e no fim da ronda, entregado pelo trio, o grupo de cantadores juntava-se em casa de um deles para comer as filhós e os raros choiços oferecidos, ou repartir os tostões recebidos. Para muitos era a única ocasião para comer melhor. «Havia aí pessoas muito pobres que só iam cantar para ganhar os almoços e jantares. Eu conheci muito bem isso», afirma um outro pescador mais idoso, sentado ao sol com um clozeto aos pés.

Apesar das dificuldades e talvez porque elas já estão bem longe e os dias hoje são bem mais fartos, alguns filhos de Alvor dizem ter saudades desse tempo: «Antes, estávamos sempre à espera que chegasse o Natal. Hoje não há aquele espírito...», diz o senhor Manuel. Para logo um pescador mais jovem reatuar: «E já não há esse espírito porque? Porque há mais abundância, mais fartura e a malta não precisa de estar à espera do Natal para comer um bocadinho de galinha.»

Manuel Loló, olhando a ria que brilha sob o sol de Dezembro, remata: «O homem quanto mais tem, mais se esquece do seu Criador. E isso não está certo.»

O «faz-santos» e os madeiros

São Brás de Alportel devolve-nos, o cenário do Natal. São os montes e serros dispersos, a serania dos Parizes, a agitação bulhosa dos Vilarinhos, o bucolismo da Ribeira, o São Romão senhorial, que foi residência estival de Bispos e dignatários religiosos, o Corotelo do miradouro.

«Era o mais famoso “faz-santos” de toda esta zona», diz-nos Emanuel Sancho, responsável pelo Museu Etnográfico, referindo-se a José da Murteira, habitante da vizinha Santa Catarina da Fonte do Bispo, autor dos Meninos Jesus ainda ainda hoje venerados no Algarve.

No museu, são às dezenas os «Meninos» com a assinatura de José da Murteira. Assinatura que se traduz pela característica «cabeça achatada das imagens» deste auto-didacta que das raias das oliveiras e figueiras fazia surgir as imagens que, depois de vestidas com trajes criados pela imaginação e posses das suas proprietárias, figuravam em presépios. «Era na casa de fora que, com as searinhas de trigo deitadas por altura da Nossa Senhora da Conceição e as laranjas a enfeitar, se armava o Menino», diz-nos a “Ti Endeizinha”, mais de 80 anos.

Outra personagem, o tio Bel-

chior da Ribeira, mãos e face gretadas por frios de mil invernos e sóis acutilantes, no subir e descer barrancos a tirar a cortiça, recorda: «O madeiro para mim é andar por aí, de casa em casa, bebendo um medronho aqui, um vinho doce além, co-nendo bronhóis e filhós...». Manda a tradição que se visitem os «sete madeiros», num caminho desejando «Boas Festas» a amigos e parentes.

Visita obrigatória, fazendo os «serrenhos» descer à Vila, era o presépio monumental erguido na casa da família Passos, da autoria da escultora Rosalina Passos. A ida á «Missa do Galo»

era obrigatória não obstante vicissitudes várias de caminhos e temporais. Na consoada não faltava a carne de porco. No Dia de Natal, a matança do galo para ser comido em cabidela era um ritual próprio. Empanadilhas, filhós e bronhóis, boa pinga de vinho caseiro ou de «medronho», destacam-se no inventário gastronómico sambrazense.

E as charolas, hoje tão em destaque noutras localidades como espectáculo, eram aqui a forma de «dar as Boas Festas», numa autenticidade que é timbre do povo serrano.

J.L.